Capoeiras

Por **RAFAEL BALIARDO***

O status conquistado pela capoeira dentro e fora do país é desconcertantemente recente

Se o *rendez-vous* entre a harmonia da música europeia e os timbres e ritmos da poderosa percussão africana, que é o *jazz*, foi e é tratado como a primeira forma de arte genuinamente "americana" (estadunidense), a capoeira – que não é esporte, arte, jogo, religião, luta marcial ou apenas música, e também sintetiza isso tudo – tem de ser considerada como expressão característica do legado brasileiro. Sim, não se deve igualar laranjas e maçãs. O primeiro corresponde a um gênero musical que se espalhou pelo mundo, configurando uma das bases da música popular do século XX. O segundo é um híbrido de luta e dança que desafia categorizações e encontra poucos paralelos formais em termos de originalidade. Mas, ambos são novidades culturais resultantes inicialmente da hecatombe imposta aos africanos durante quase quatro séculos de cativeiro e trabalho forçado nas Américas.

O status conquistado pela capoeira dentro e fora do país é, porém, desconcertantemente recente. A valorização e a popularidade da capoeira mundo afora irromperam com mais força e continuidade nas décadas de 1970 e 1980, a partir de esforços irradiados do Brasil. De modo peculiar e talvez não por total coincidência, no Ocidente, foi justo a época em que se popularizavam as artes marciais, capitaneadas também por uma geração de filmes de ação norte-americanos da década anterior. A "onda", iniciada na segunda metade dos anos 1950, foi consequência da ocidentalização dos filmes *wuxia, de* heróis marciais, que os chineses produziam desde os anos 1920.

No Brasil, há cerca de cinquenta anos, a capoeira começou enfim a ser reconhecida institucionalmente e integrar o rol de práticas de entidades como a Confederação Brasileira de Pugilismo.[i] Parte das causas do fenômeno do resgate desse complexo cultural afro-brasileiro surgiu justo da divisão em estilos da capoeira contemporânea, na Bahia, no início do século XX. A República brasileira, nascida no ano seguinte à revogação absoluta da escravatura, codificou a capoeira como jargão policial.2 A partir dos anos 1930, o pioneiro Mestre Bimba (1900-1974) empenhou-se em recuperar o que considerava os aspectos marciais da prática, relegados, segundo sua visão, à marginalização da capoeira coibida pelo preconceito e a repressão pelo Estado. No esforço de responder à urgência de novas modalidades de lutas surgidas nos ringues, Bimba desenvolveu a didática de sua luta regional baiana, que posteriormente repercutiu na formalização do seu ensino e também numa verdadeira filosofia de aprendizagem.

Como reação direta, Mestre Pastinha (1889-1981), na década posterior, liderou a divergência tradicionalista da capoeira angola, ao recuperar elementos descartados pelo esforço inovador do grupo que cercava Bimba, como as ladainhas introdutórias, o aspecto teatral e o chamado "jogo de dentro". Pastinha e sua escola de capoeira no Pelourinho se tornariam referências internacionais. O velho mestre seria ainda convertido em personagem homônima da novela satírica *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água* (1961), por Jorge Amado.3 É válido sublinhar que ambas abordagens são movimentos surgidos entre os capoeiristas baianos e, apesar de antitéticos no que toca, de um lado, a preservação de tradições de origem africana e, de outro, o empenho de sua normatização como esporte, os dois estilos firmaram-se como inovações, como observaram Vieira e Röhrig:4 " Além do mais é preciso lembrar que a capoeira baiana antes da

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

modernização não era homogênea e uniforme, mas que cada mestre ensinava um conjunto específico de movimentos, ritmos e rituais. Tanto que a capoeira de outros mestres antigos como Waldemar, Cobrinha Verde ou Canjiquinha podia ter características bastantes distintas da forma ensinada por Pastinha".

Dividida e normatizada em estilos, era de se esperar a consequente irradiação da prática. A internacionalização da capoeira a partir dos anos 1970 foi um movimento de mão dupla. Partiu, em certa medida, do seu aburguesamento no país ao mesmo tempo em que a atenção e o respeito de estrangeiros ao jogo influenciaram a classe média brasileira, que então educou o olhar para aquela originalíssima invenção cultural. Do estigma de vadiagem da época do Império, passando por crime tipificado durante a República Velha, a capoeira tornara-se, então, um folclore exótico que devia ser preservado.

Dali não tardaria até conquistar a condição de "patrimônio imaterial do Brasil", instrumentalizada ironicamente, por exemplo, na reeducação de menores. Ou seja, passou a ser aplicada ao esforço de corrigir as mazelas sociais que, no passado, fora acusada de agravar. Não é exatamente uma trajetória estranha ao se considerar que o Brasil nutre uma relação ambígua e superficial com sua identidade nacional, é fragmentado em castas sociais, com um tipo característico de racismo enovelado de modo sistêmico nos foros público e íntimo e com uma reduzida elite que não reconhece e se envergonha de sua cultura.

A onda de interesse popular das décadas de 1970 e 1980 pela capoeira foi precedida pela atenção de cunho artístico e etnológico a partir dos anos 1940. Costuma se citar mais notadamente as imagens registradas pelo fotógrafo franco-brasileiro Pierre Verger (1902-1996). Verger deixou a Europa do pós-guerra depois da leitura da tradução francesa de *Jubiabá* (1935), quarto romance de Jorge Amado. Após incursões à África e de atuar como colaborador da revista *O Cruzeiro*, aprofundou sua imersão pessoal na cultura afro-brasileira, assumindo posteriormente o prenome de Fatumbi, como decorrência da adoção da fé dos iorubás, se iniciando em cultos como o do oráculo de Ifá.[5]

As ilustrações estilizadas do argentino naturalizado brasileiro Carybé são outra referência da iconografia resultante do interesse de estrangeiros pela capoeira. Carybé, nome artístico de Hector Julio Paridé Bernabó (1911-1997), chegou mesmo a trabalhar no filme *O Cangaceiro* (1953), de Lima Barreto (o cineasta paulista e não o escritor fluminense), confeccionando mais de 1660 esboços para o *storyboard* baseado no roteiro cinematográfico da película. Registros artísticos da capoeira feitos por europeus são obviamente mais antigos. O artista francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848), um dos pioneiros da Academia Imperial de Belas Artes, fundada por Dom João VI, a partir dos esforços da Missão Artística Francesa no Rio de Janeiro, em 1817, pintou cenas da capoeira entre seus incontáveis registros do cotidiano do Brasil justo na transição entre o período colonial e a formação do Império.

Um corte em salto para o período que vai de meados da década de 1970 ao fim dos anos 1990, e vemos se proliferarem as escolas de capoeira, espalhadas pela Europa e a América do Norte. Particularmente na era *yuppie* e sobretudo nos Estados Unidos, os "estúdios" de capoeira reuniam um público eclético que ia de profissionais liberais a dançarinos de grandes companhias, de esportistas de alto desempenho a nomes do mundo do entretenimento. A combinação entre ritmo e acrobacias saídas de uma luta, entreposta por instrumentos considerados exóticos como o berimbau, o pandeiro, o atabaque, o reco-reco, apitos e caxixis, exibia ao ocidental de raízes europeias uma singularidade – a capoeira parecia a síntese extraordinária entre arte e esporte.

O pioneiro Nestor Capoeira (Nestor Sezefredo dos Pasos Neto), que, a partir de 1971, passou a ensinar na Escola de Dança Contemporânea de Londres, é um dos principais nomes por trás do esforço de internacionalização do jogo, assim como os mestres baianos Jelon Vieira e Loremil Machado, que atuaram nos Estados Unidos, a partir da mesma década, com o primeiro mais envolvido com o mundo da dança, e o segundo no treinamento de capoeiristas estrangeiros.[6.]

Alex Ladd, tradutor para o inglês da obra de Nestor Capoeira e autor do prefácio de "*The Little Capoeira Book*", sintetiza a atmosfera em torno do trabalho de mestres brasileiros nos EUA, ao se referir especialmente a Jelon Vieira: "Uma típica aula de Vieira na cidade de Nova York durante os anos 1970 e 1980 incluiria um jogador de hóquei de Yale que naturalmente via conexões entre seu esporte e aquele híbrido de graça, agilidade e músculo trazido pela capoeira; um

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

músico de jazz afro-americano que encontrava nas canções de estrutura rítmica essencialmente africana um retorno às suas próprias raízes, e uma bailarina clássica hipnotizada pelos movimentos belos, mas letais da capoeira."[7]

Capoeirista, discípulo de Jelon Vieira e Edna Lima, primeira mulher mestre do Brasil, Alex Ladd, que também traduziu os contos de *A vida como ela é* (1950-61), de Nelson Rodrigues, para o inglês (Host Publications, 2009), resume ainda o aspecto de a capoeira não ser difundida como as artes marciais do leste e sudeste asiáticos: "E apesar de todo esse movimento, a capoeira, no entanto, continua sendo uma palavra estrangeira para a maioria dos americanos, não muito diferente do status que tinham as artes marciais asiáticas no início dos anos 1950 neste país".

Nascido em 1946, o mineiro Nestor Capoeira começou na prática pelas mãos de um afamado mestre carioca, Demerval Lopes de Lacerda, o Mestre Leopoldina (1933-2007). Tal como ele, o Mestre Acorden (Bira Almeida) é outro dos pioneiros no ensino da capoeira fora do país, a partir de sua escola sediada na área da Baía de São Francisco, na Califórnia, e com base em seu livro *Capoeira: A Brazilian Art Form* (North Atlantic Books, 1986), um dos primeiros sobre o assunto em língua inglesa.

O título do livro de Bira Almeida é simples e elucidativo. Capoeira é arte. Arte brasileira. Há obviamente o registro de outros híbridos de dança e luta considerados aparentados à capoeira, como o caso do moringue, que apareceu nas regiões costeiras de Madagascar e se espalhou pelos incontáveis arquipélagos do Oceano Índico. Surgido durante a dinastia Maroseranana (1675–1896) do reinado de Sakavala, formado por um dos menores grupos étnicos do mundo, o moringue foi concebido como uma forma de combate, e seus praticantes ainda hoje são temidos e respeitados nas regiões em que é popular. As demonstrações são acompanhadas por músicas e sons executados com a finalidade de induzir a estados de transe, enquanto o público também entoa cantos de provocação e zombaria.

Outro exemplo vem da ilha caribenha de Martinica, onde desenvolveu-se a dança folclórica de combate, também de origem africana, da Ladja (conhecida ainda por *danmyé* ou *Ag'Ya*). Assim como a capoeira, é um jogo de habilidade, guiado pelo chefe de roda e os músicos. Apesar da incerteza e improbabilidade de relação direta com a capoeira, a Ladja dispõe da mesma qualidade inequívoca de sintetizar dança, canto e espiritualidade ao representar um jogo marcial de disputa entre lutadores.

Até por aproximação, o caráter de "arte de síntese" dessas modalidades de origem africana é irrefutável se contrastado com formas de luta bastante características inventadas em outras tradições, como o combate marcial havaiano Kapu Ku'ialua (ou Lua), baseado em torções e em causar danos em pontos sensíveis do corpo; ou mesmo a arte de defesa polinésia do Limalama, que foi desenvolvida a partir de passos da dança tradicional samoana, já no século XX.[8]

Mesmo se acareado com variedades marciais mais conhecidas, o caráter distinto da capoeira parece indisfarçável. Basta defini-la como uma arte marcial brasileira? Apesar da palavra "arte" na expressão "arte marcial", sabemos que o vocábulo aqui tem a conotação de uma analogia, como em "arte da guerra", ou a "arte de cozinhar". Este é, portanto, o caso da capoeira?

Ninguém reivindica o caráter artístico, por exemplo, do judô, o "caminho suave" surgido das inovações pedagógicas introduzidas pelo educador Jigoro Kano (1860-1939), como alternativa aos ferimentos causados durante a prática de formas mais tradicionais de jiu-jitsu. Ao longo do século XX, o judô espalhou-se pelo mundo, sempre associado às melhores virtudes pedagógicas, não raro, ao chavão de atribuir aos japoneses um senso impecável de disciplina e técnica. Até mesmo outra invenção brasileira, o *Brazilian Jiu-Jitsu,* desfruta do renome de arte marcial pátria mais popular mundialmente se contraposto com a capoeira. A modalidade foi desenvolvida a partir dos anos 1920 por quatro dos irmãos da família Gracie, com base no aprendizado direto do judô *kodokan* tradicional por um deles, Carlos (1902-1904), que estudou com o mestre itinerante de origem japonesa Mitsuyo Maeda (1878- 1941) a partir de 1917.

Ao fim do século passado, no início dos anos 1990, com base em uma série de vídeos batizada de *Gracies in Action*, que mostrava lutadores da família desafiando e prevalecendo sobre praticantes de outras modalidades de artes marciais, foi

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

que surgiram os primeiros torneios que deram origem à franquia internacional *Ultimate Fighting* e nos chamados "MMAs". De certo modo, o enfrentamento entre lutadores de diferentes variedades das *Artes Marciais Mistas* e sua violência expressa e caráter essencialmente comercial não deixam de ser um irônico epílogo à algazarra praieira e feroz que marcou a trajetória dos Gracie.

A capoeira, entretanto, habita outro espectro do inconsciente cultural do Ocidente em relação ao Brasil. Está longe de conquistar a popularidade da apropriação tropical de um combate marcial nipônico, que é o jiu-jitsu brasileiro, e parece circunscrita ao exotismo enviesado, comum ao se olhar para quase tudo que vem da África.

Termo de origem indígena, a palavra "capoeira" provavelmente remete ao sentido de "mato seco", em alusão às matas rasteiras pelas quais os negros escravizados fugiam. O *Dicionário Houaiss* estende o sentido, do ambiente, para o próprio escravo que se refugiava na 'capoeira' (mato) e assaltava viajantes para poder sobreviver, apontando a evolução etimológica e prováveis origens concorrentes como a expressão *Kapwila* – 'pancada, tabefe, surra' – até que a palavra acabasse associada à vadiagem e às lutas travadas entre lutadores de rua que portavam navalhas.

Através de uma coleção de depoimentos, o documentário *Mestre Bimba: a capoeira iluminada*, baseado no livro *Mestre Bimba – corpo de mandinga*, do sociólogo Muniz Sodré, lança alguma luz sobre a natureza híbrida e singular da capoeira. Invenção do afrodescendente, a prática ainda é marcada pelo debate em torno de sua desportivização ou reafricanização. O ineditismo das competições de capoeira nos Jogos Escolares Brasileiros (JEBs), nos anos 1970, ou a organização de suas *práxis* em um formato distinto dos modelos tradicionais de federações, como ocorre com a maioria das lutas marciais, são exemplos objetivos desta característica ambivalente.

Historicamente, não há, todavia, identificação da prática da capoeira entre os primeiros quilombolas,[9] com os registros mais antigos remontando já ao ambiente urbano. O historiador e diplomata Guilherme Frazão Conduru, ao citar[10] o estudo de 1898, de Elísio Araújo, sobre a Polícia da Capital Federal entre 1808 a 1831, revê a figura de um oficial de milícias, o tenente João Moreira, "o amotinado", espécie de antecessor do memorável major Vidigal, imortalizado no romance *Memórias de um Sargento de Milícias* (1852/54), de Manuel Antônio de Almeida (1830-1861), recobrando assim a personagem do justiceiro urbano, às voltas em contendas com escravos fugidos na perseguição aos quilombos, candomblés e capoeiras. É o cenário que precede as maltas de capoeira, em que os golpes desferidos eram combinados com o uso de navalhas e sovelões, aproveitados como armas brancas.

A crônica que tem origens na tormentosa e interminável experiência da escravidão e que, com o fim do cativeiro, se assentou no ambiente da pobreza, da marginalidade, da briga de rua, depois se nobilizando como expressão cultural, talvez sugira alguma prevenção contra a superficialidade da novela sociológica que arrosta o passado com o filtro hipertrofiado do moralismo e se auto investe de "curar a história", anunciando assim uma era de reparação. A capoeira, como toda invenção humana que inaugura uma tradição – ou seja, que é marcada pelo predicado da originalidade – é uma resposta a circunstâncias históricas, econômicas e sociais, mas não pode ser puramente compreendida por estas, porque é maior do que a soma de suas partes, como o é toda arte ou invento originário.

"A capoeira é tudo o que o corpo come e tudo o que a boca dá",[11] repetia mestre Pastinha. "Capoeira é defesa, ataque, ginga de corpo e malandragem", define hoje Antonio Liberac Cardoso Simões Pires, professor e pesquisador da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, sintetizando os termos da novidade que sobreviveu à servidão. Simões Pires transcreve[12] ainda o esforço de parlamentares durante o regime do governo provisório republicano, de defenderem a capoeira, ao referir o movimento para oficializar o ensino da modalidade nas Forças Armadas. Ou seja, mesmo coibida pela repressão, havia alguma consciência contemporânea sobre seu valor e singularidade. Como suporte à evidência, o historiador remete aos comentários do "exímio capoeira da década de 1920", Annibal Bularmaqui, o mestre Zuma, que, com a proposição de sua "gimnastica brasileira" e o apelo, já na primeira metade do século passado, pelo reconhecimento em algum nível institucional do esporte pátrio, desenvolveu uma vertente da capoeira carioca.

Há ainda os elementos espiritualistas que conectam o "esporte-arte" com os enigmas cosmológicos das religiões, afro-

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

brasileiras. No mesmo volume publicado em dezembro de 2008 pela Divisão de Promoção da Cultura Brasileira do Ministério das Relações Exteriores (fonte de alguns dos estudos citados aqui), o capoeirista Pedro Rodolpho Jungers Abib, autor da obra *Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda* (Edufba), remete13 à personagem Besouro Mangagá (conhecido ainda como Besouro Preto ou por Besouro Cordão de Ouro), cognome do mestre baiano de Santo Amaro, Manoel Henrique Pereira (1895-1924), cujas notícias de proezas e circunstâncias discrepantes de sua morte geraram dúvidas mesmo sobre a veracidade de sua existência. Um de seus discípulos, o célebre capoeira Rafael Alves França, outra figura quase lendária e apelidada de Mestre Cobrinha Verde, reivindicava o ter conhecido, corroborando algumas de suas façanhas derrotando vários adversários ao mesmo tempo, ao fortalecer a crença de que o Besouro Mangagá tivesse o "corpo fechado".

Mestre Cobrinha, ele mesmo, é outra personagem importantíssima da capoeira angola, ao redor do qual também se criaram muitos mitos (há sete canções de um álbum de 1962 disponível na plataforma *Spotify* com registros de suas performances cantadas em rodas). Em um volume obscuro, mas envolvente, *Capoeira e mandingas: Cobrinha Verde* (1990), Marcelino dos Santos, o Mestre Mau, reúne alguns desses relatos e recorre a um expediente amadiano (de Jorge Amado) ao advertir logo de entrada: "Se os fatos narrados neste livro não aconteceram conforme Cobrinha Verde conta, azar dos fatos". Na mesma obra, traz ainda o registro fotográfico de um feiticeiro dos Camarões usando uma ajaezada máscara de leão, com a legenda do polígrafo suíço Carl G. Jung (1875 – 1961): "Ele não finge ser um leão, está convencido de que é um leão".14

Mais recentemente, há quem aponte a ascendência torta da capoeira mesmo sobre uma vertente da cultura popular como o *breakdancing* (*b-boying* ou *b-girling*), estilo de dança improvisada, de rua, surgida primeiro nas comunidades de imigrantes e descendentes de porto-riquenhos nos Estados Unidos e que se popularizou a partir dos anos 1980. Radicado nos EUA, o dançarino e DJ autodenominado Neguin, epíteto do brasileiro Fabiano Carvalho Lopes, tornou-se mundialmente conhecido por inserir movimentos da capoeira em suas performances. O resultado que combina passos de dança e acrobacias que desafiam a gravidade lhe rendeu renome artístico nos mais diferentes círculos.

Pondo de lado qualquer idealismo, países se inventam culturalmente em um moto complexo e não-linear que circunda desde o pragmatismo das ações de política cultural até o concerto insondável entre história, lutas e dores de fundação. Existe conquanto algo que parece estar sempre presente, a aptidão de homens e mulheres de olhar para si e seus patrícios e decifrar o que enxergam de modo a traduzir a experiência humana fundamental. Sim, são inúmeras as desgraças e incontáveis as injustiças nos destinos das nações. O respeito exagerado ao que é estrangeiro, o desprezo ao que é estrangeiro, o patriotismo febril e o autodesprezo são paradoxalmente rebentos de um mesmo vício, a incapacidade de olhar para si mesmo e interpretar a própria cultura. Talvez a capoeira ainda espere por seus emissários e profetas que, enfim, revelem os mistérios de sua aurora.

***Rafael Baliardo** *é jornalista. Foi crítico literário e cobriu temas da ciência e da Justiça no Brasil e nos Estados Unidos. Vive atualmente na costa atlântica do Canadá.*

Notas

---

[i] VIEIRA, Luiz Renato & ASSUNÇÃO, Mathias RÖHRIG. "*Os desafios contemporâneos da capoeira*" in Textos do Brasil no. 14, Ministério das Relações Exteriores (2011).

2 GOULART, Luiz Fernando. Mestre Bimba, a Capoeira Iluminada [documentário]. Lumen Produções (2005).

3 AMADO, Jorge. A morte e a morte de Quincas Berro D'Água. Cia. Das Letras (2008).

4 Idem à nota 1.

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

5 Sistema divinatório da África ocidental vinculado aos cultos e religiões do grupo étnico dos iorubas.

6 CAPOEIRA, Nestor. The Little Capoeira Book. Blue Snake Books, Berkeley, Califórnia (2003).

7 Idem.

8 GREEN, Thomas A. & SVINTH, Joseph R.. Martial Arts of the World: An Encyclopedia of History and Innovation. ABC – Clio, Santa Bárbara, Califórnia (2010).

9 CONDURU, Guilherme Frazão. "*Metamorfoses da Capoeira: Contribuição para uma história da Capoeira*" in Textos do Brasil no. 14, Ministério das Relações Exteriores (2011).

10 Idem.

11 ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. "*A capoeira e seus aspectos mítico-religiosos*" in Textos do Brasil no. 14, Ministério das Relações Exteriores (2011).

12 SIMÕES PIRES, Antonio Liberac Cardoso. "*Capoeira é defesa, ataque, ginga de corpo e malandragem*" in Textos do Brasil no. 14, Ministério das Relações Exteriores (2011).

13 Mesmo que o item 11 e ASSUNÇÃO, Matthias. (2019). Capoeira: From Slave Combat Game to Global Martial Art. 10.1093/acrefore/9780199366439.013.293.

14 SANTOS, Marcelino dos. Capoeira e mandingas: Cobrinha Verde. Filhos de Bimba/ Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, Salvador (1990).

O site A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.
Clique aqui e veja como

A Terra é Redonda

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.